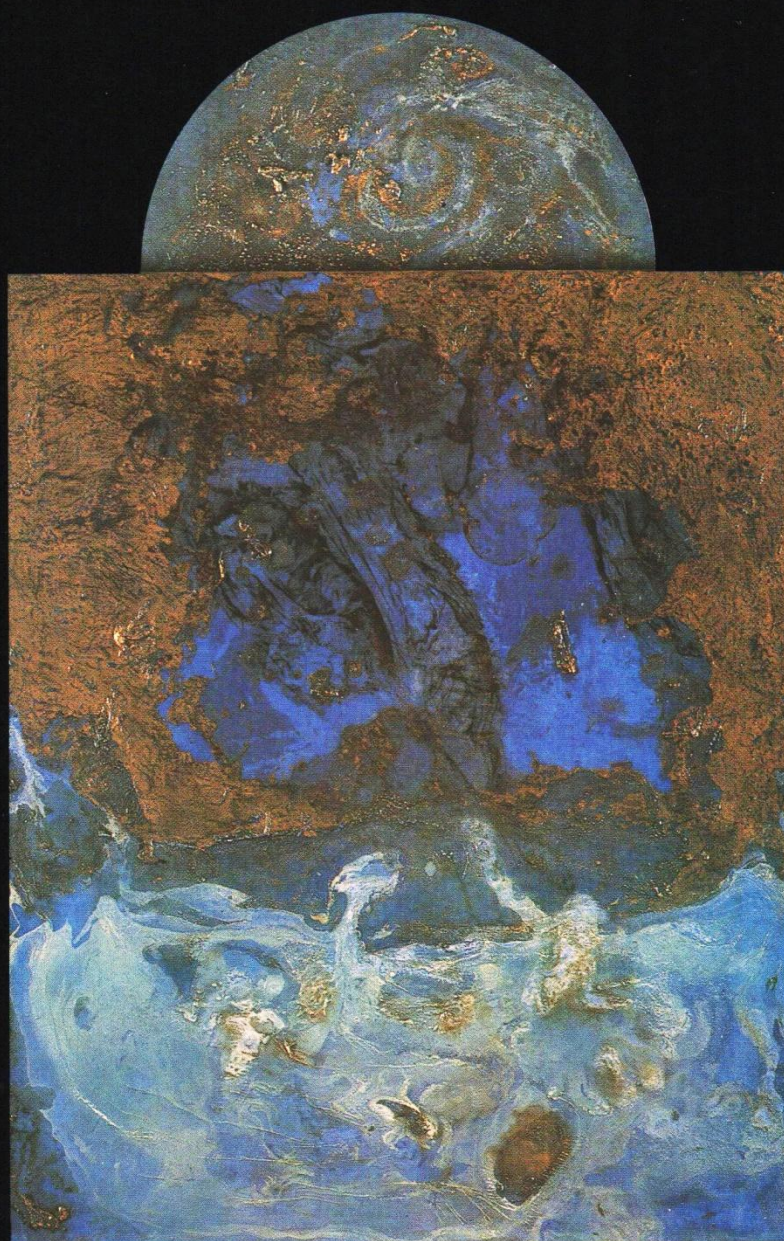


Paulo Cardoso

MAR PORTUGUEZ

a mensagem astrológica da mensagem



editorial estampa

... pinturas inspiradas no Mar Portuquez, da Mensagem, de Fernando Pessoa

Ficha Técnica:

Título da obra:

Mar Portuquez - A Mensagem Astrológica da Mensagem

Autor:

Paulo Cardoso

Capa:

Paulo Cardoso

Ilustração da capa:

O Infante, Paulo Cardoso, 1989

Composição:

Maria Esther - Gabinete de Fotocomposição

Impressão e Acabamento:

Rolo & Filhos - Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal nº 60535/92

ISBN 972-33-0769-3

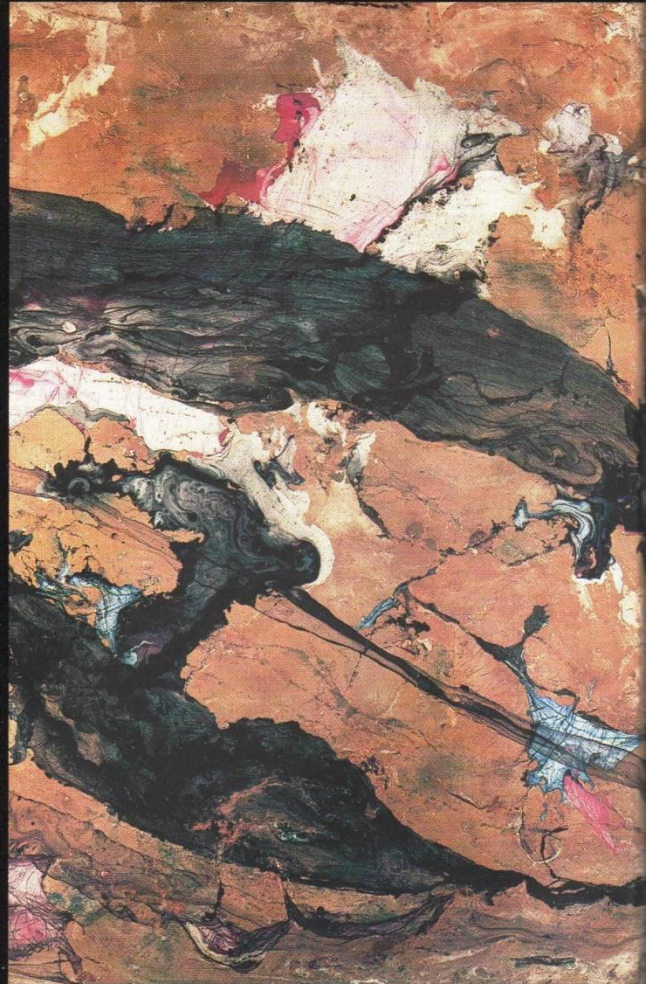
1ª Edição: Outubro 1990

2ª Edição: Outubro 1991

Copyright:

Paulo Cardoso

Editorial Estampa, Lda., Lisboa, para a língua portuguesa





A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe românticos cabelos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em ângulo disposto.
Aquele diz Itália onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal.
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

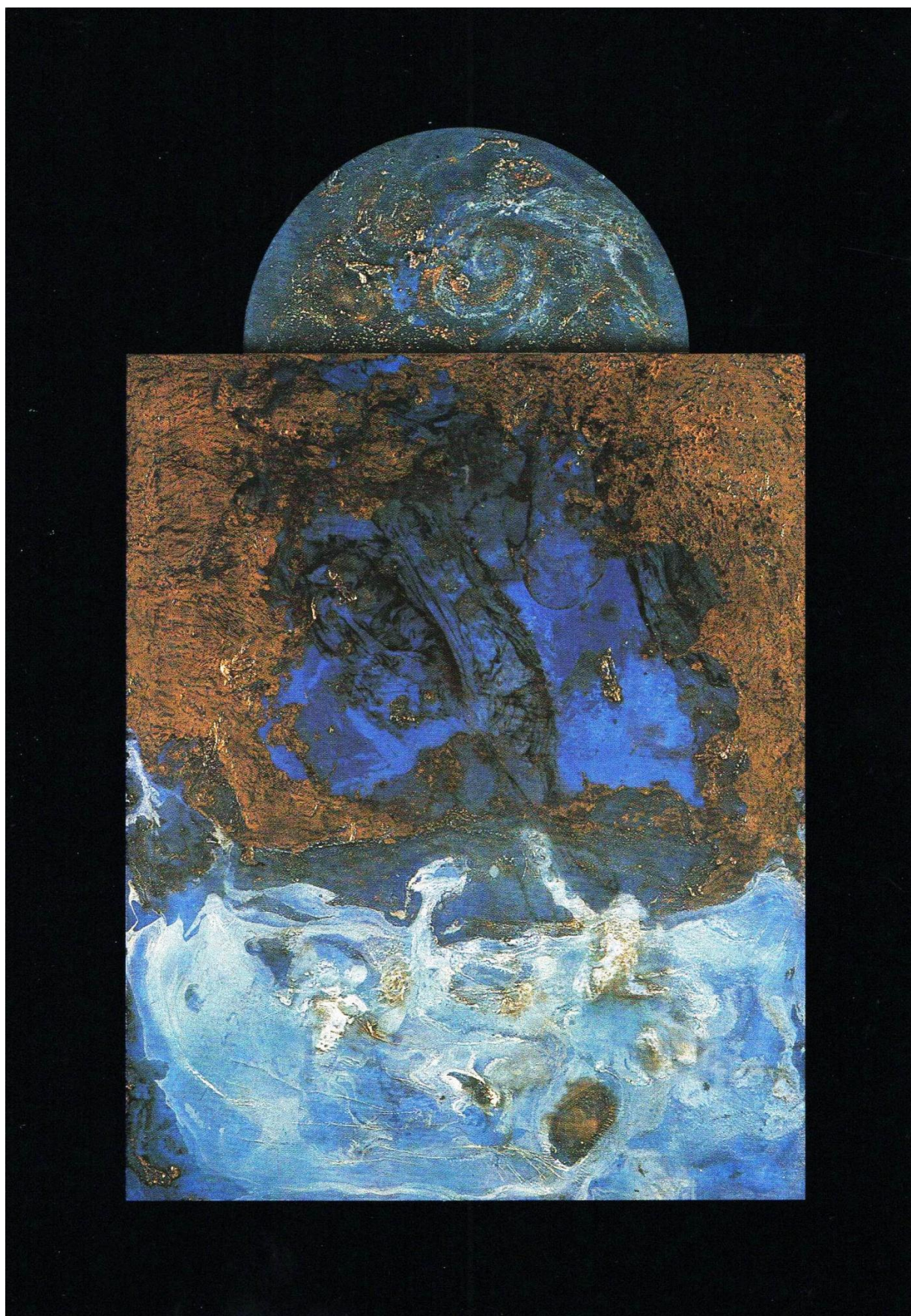
Paulo Cardoso, «A Europa jaz, posta nos cotovellos», 1989, tríptico, técnica mista sobre tela, 146x291 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

I

Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpru-se o Mar, o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!



Paulo Cardoso, «O Infante», 1989, díptico, técnica mista sobre tela 100x81 cm e 54 cm diâmetro.
Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

II

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio
Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se approxima ergue-se a encosta
Em arvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, ha aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmãs invisíveis
Da distancia imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esperança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.



Paulo Cardoso, «Horizonte», 1989, técnica mista sobre tela, 100x73 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

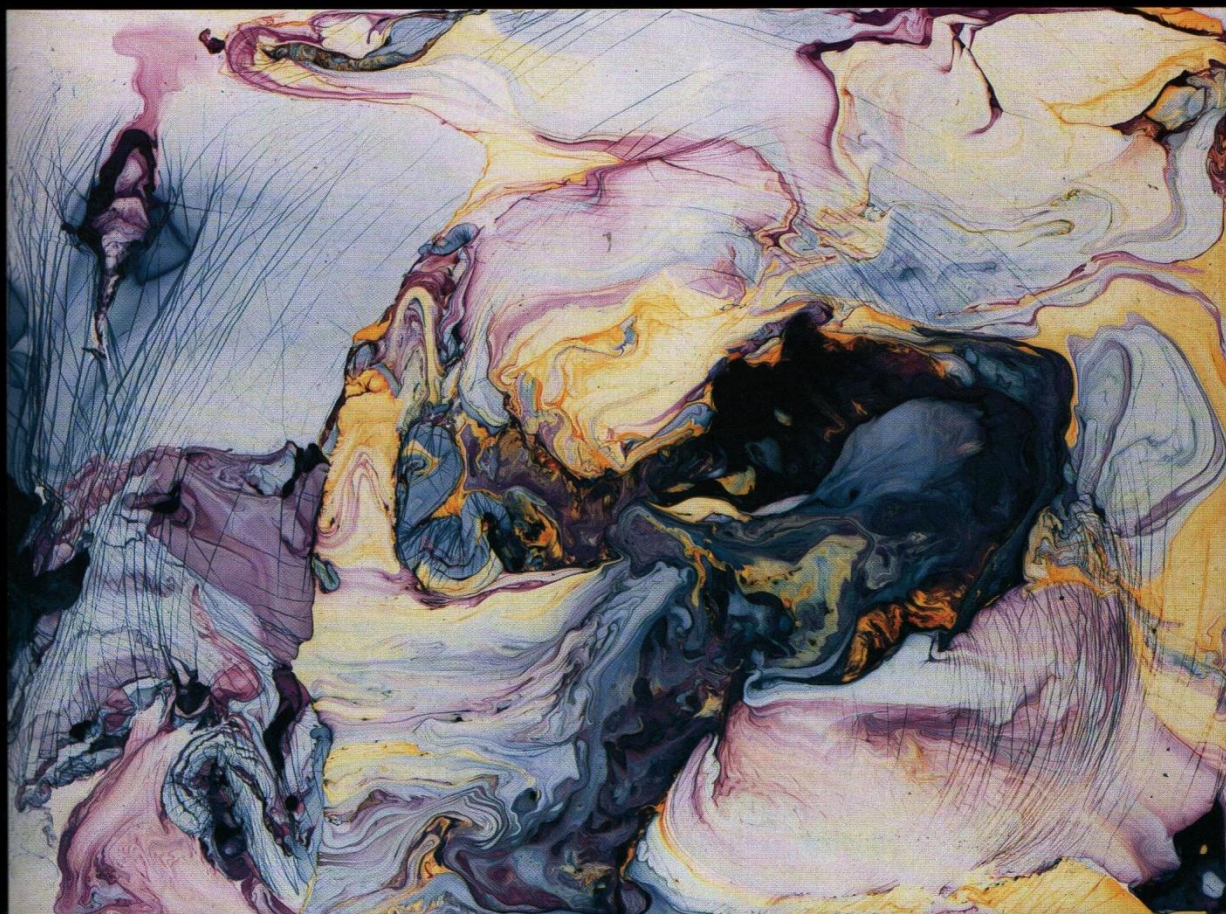
III

O exforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possível oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a Cruz ao alto diz que o que me ha na alma
E faz a febre em mim de navegar
Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.



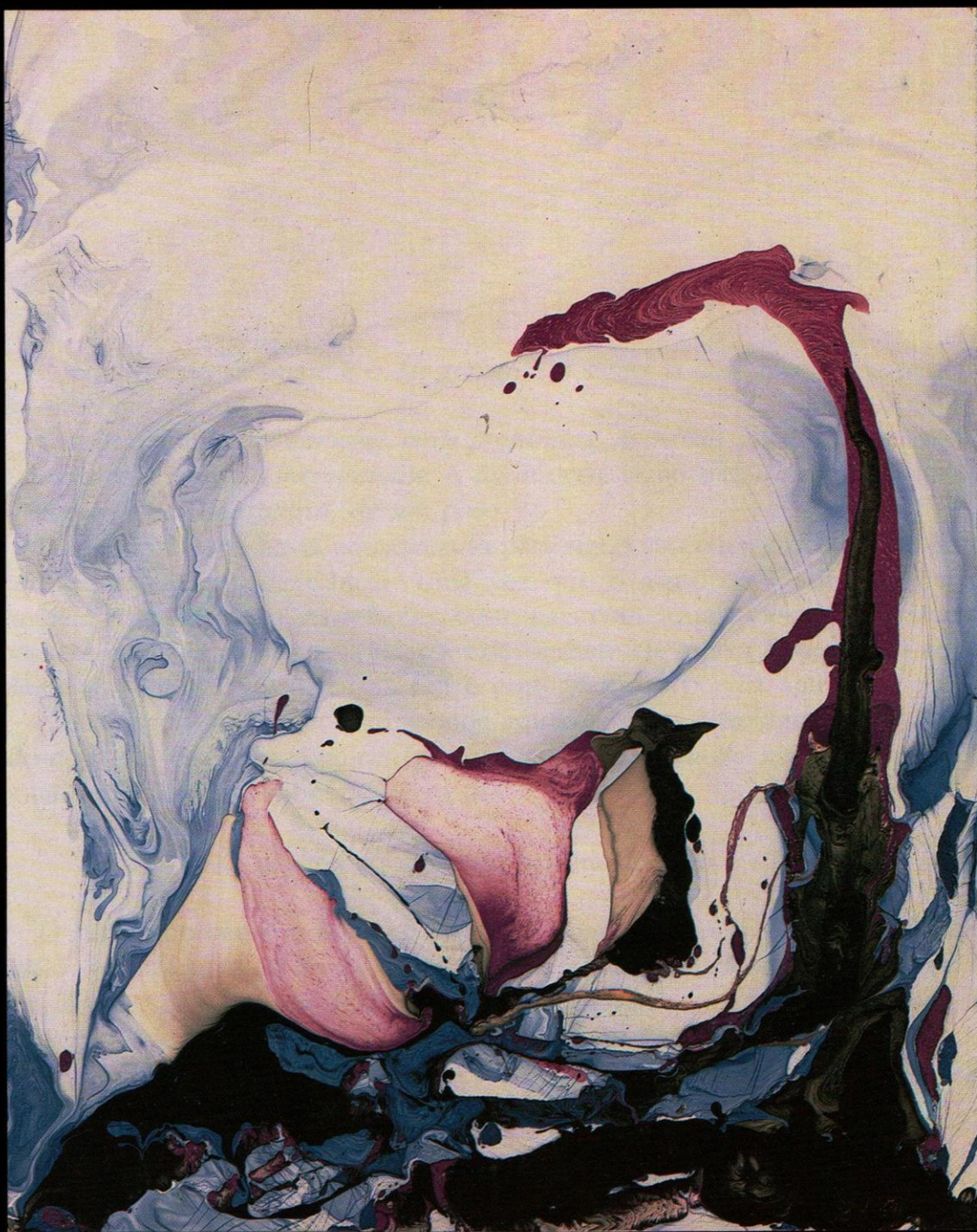
Paulo Cardoso, «Padrão», 1988, técnica mista sobre tela, 73x100 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

IV

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse, «Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?»
E o homem do leme disse, tremendo,
«El-Rei D. João Segundo!»

«De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?»
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,
Trez vezes rodou immundo e grosso,
«Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguém me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?»
E o homem do leme tremeu, e disse,
«El-Rei D. João Segundo!»

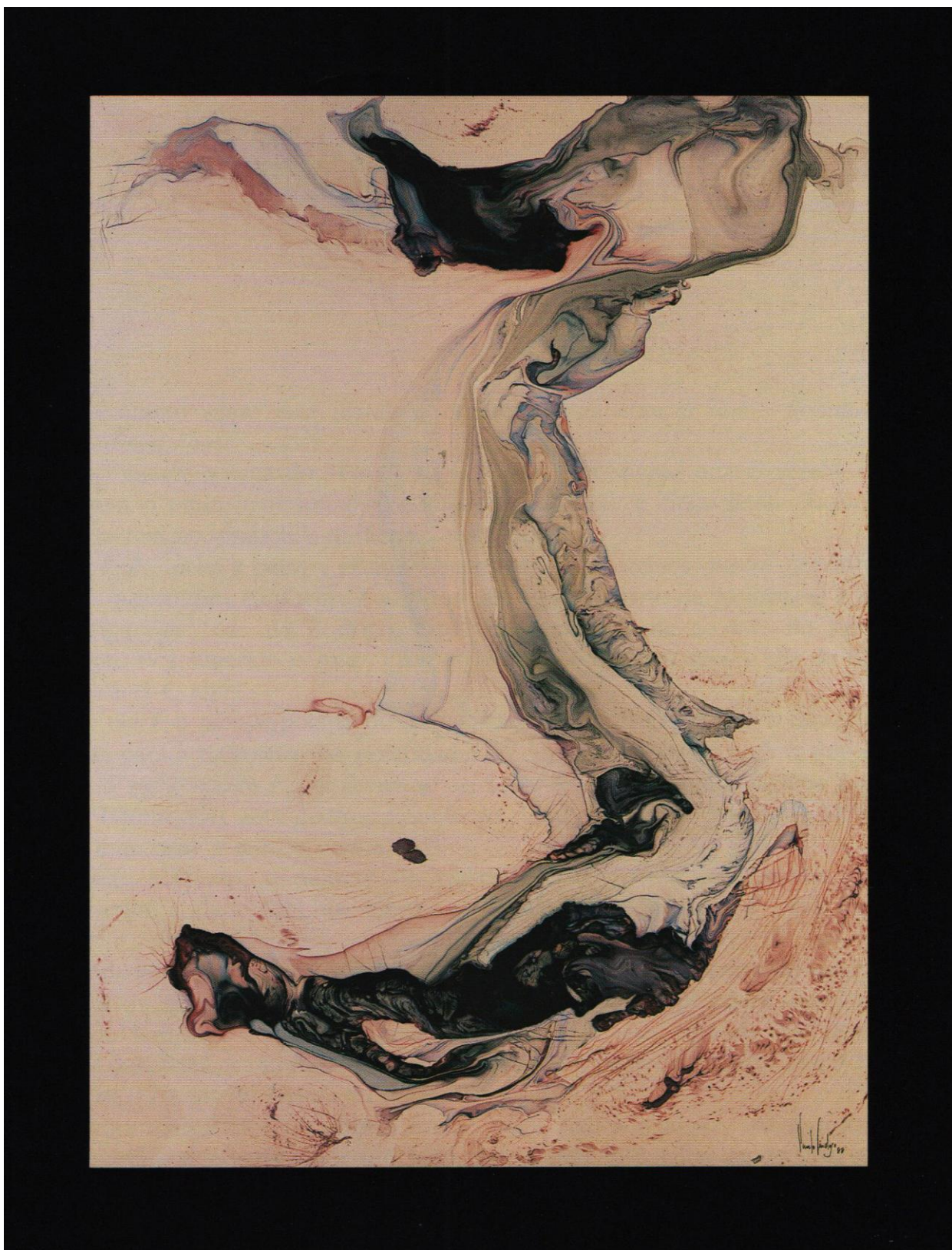
Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as repreendeu,
E disse no fim de tremer trez vezes,
«Aqui ao leme sou mais dô que eu:
Sou um Povo que quer o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!»



Paulo Cardoso, «O Mostrengo», 1988, técnica mista sobre tela, 100x81 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

V

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu hombro.



Paulo Cardoso, «Epitaphio de Bartolomeu Dias», 1988, técnica mista sobre tela, 100x73 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

VI

Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso encontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.

Mas o que a elles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz d'elle historia.
E porisso a sua gloria
É justa aureola dada
Por uma luz emprestada.



Paulo Cardoso, «Os Colombos», 1988, técnica mista sobre tela, 73x100 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

VII

Com duas mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia
A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.



Paulo Cardoso, «Occidente», 1988, técnica mista sobre tela, 100x73 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

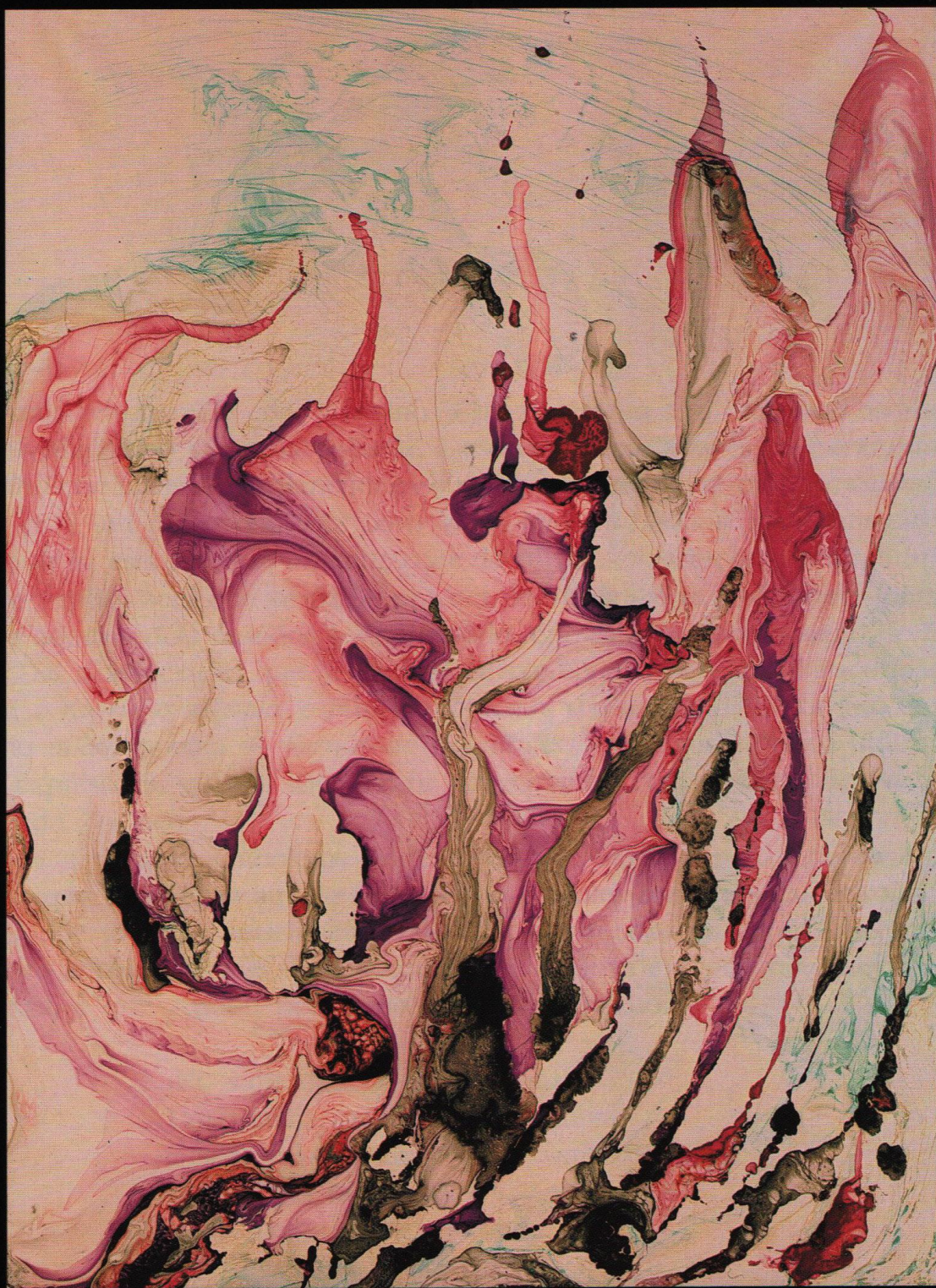
VIII

No valle clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titans, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quiz cingir o materno vulto —
Cingil-o, dos homens, o primeiro —,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas elles não
O sabem, e dançam na solidão;
E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do valle pelas encostas
Dos mudos montes.



Paulo Cardoso, «Fernão de Magalhães», 1988, técnica mista sobre tela, 100x73 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

IX

Os Deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus.
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões.

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.

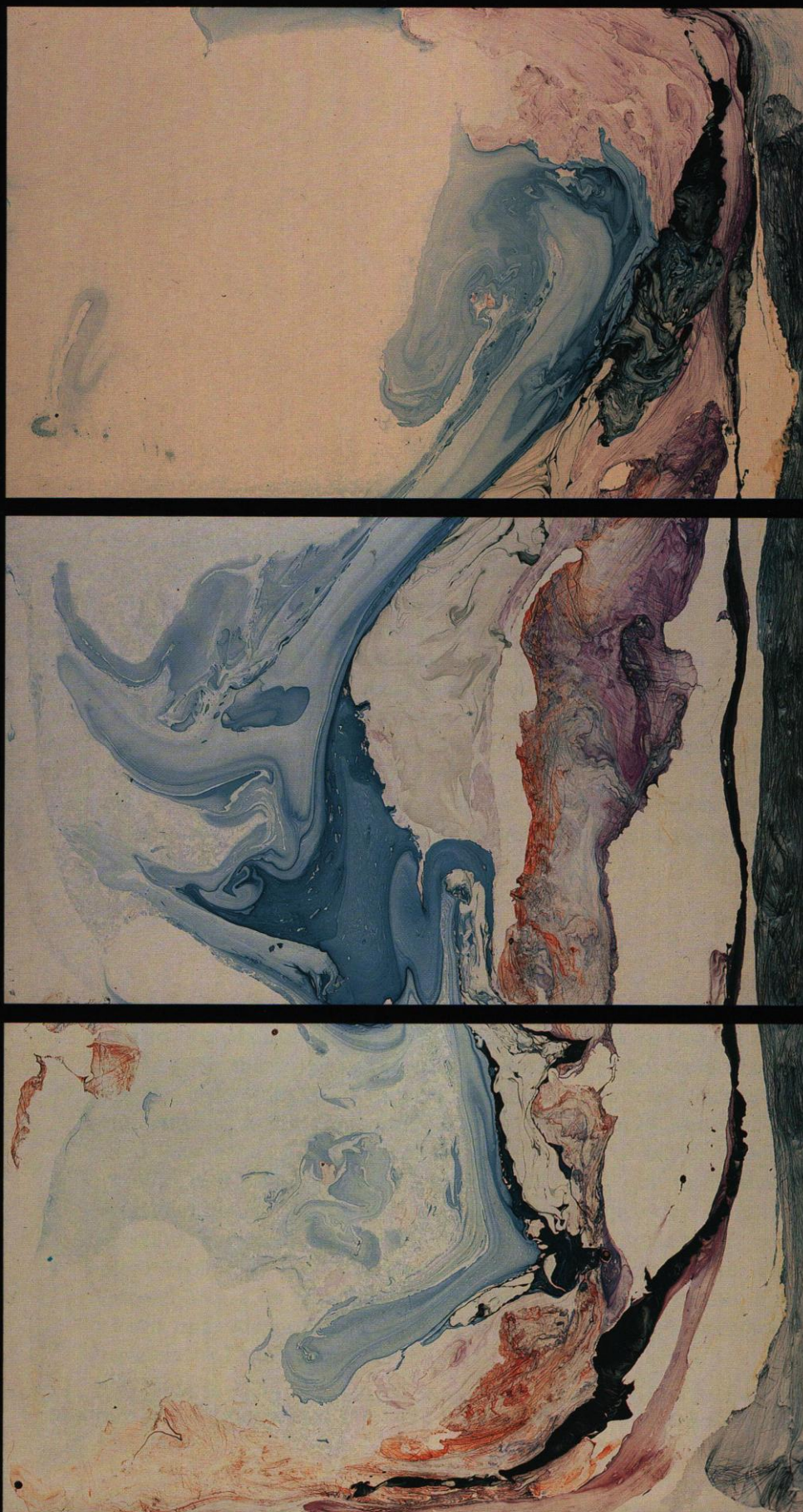


Paulo Cardoso, «Ascensão de Vasco da Gama», 1988, técnica mista sobre tela, 100x73 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

X

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lágrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quer passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,
Mas nelle é que espelhou o céu.



Paulo Cardoso, «Mar Português», 1989, tríptico, técnica mista sobre tela, 146x267 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

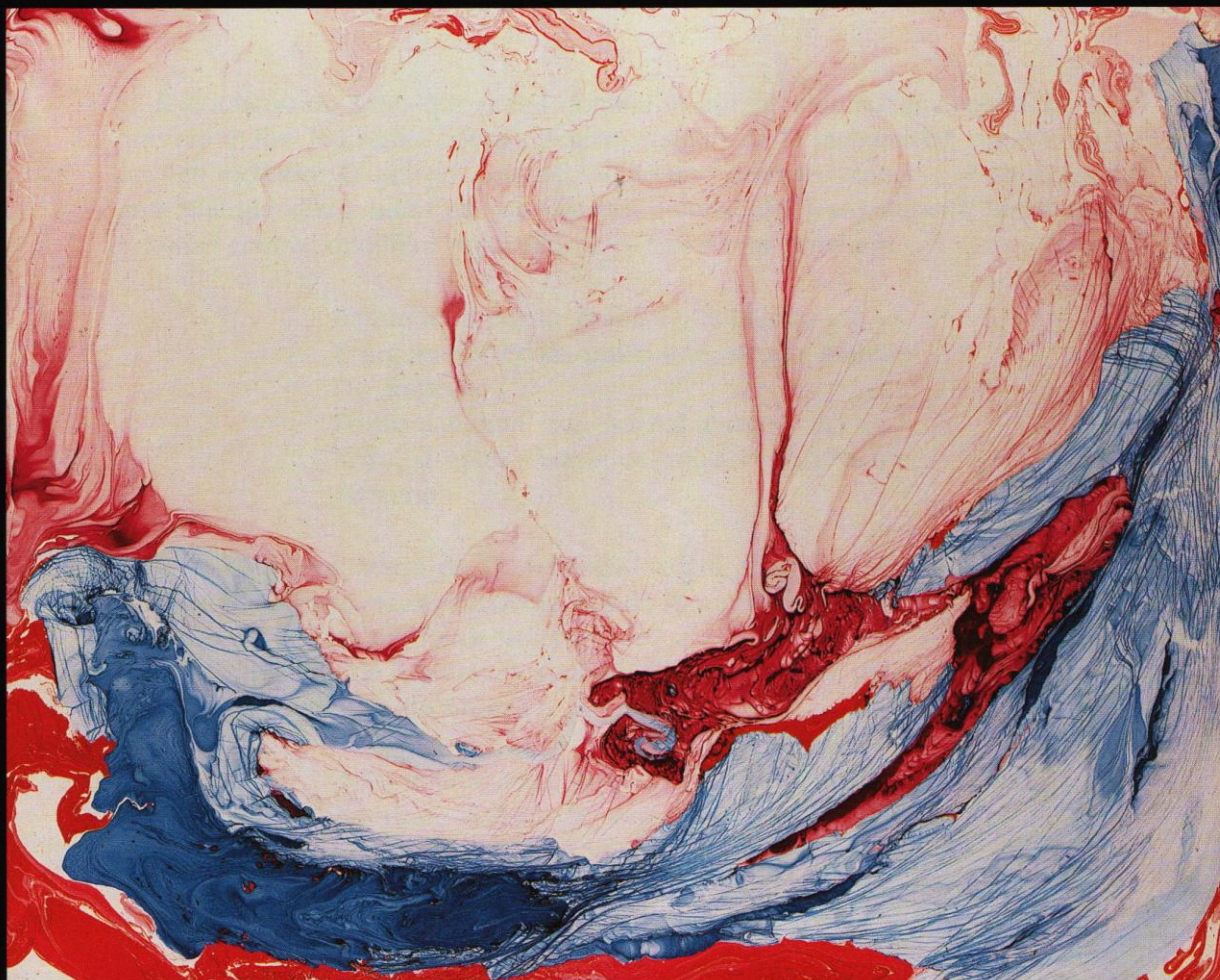
XI

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fôrma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou espaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda:
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.



Paulo Cardoso, «A Última Nau», 1988, técnica mista sobre tela, 81x100 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

XII

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silencio hostil,
O mar universal e a saüdade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a occultou:
A mão do vento póde erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do exforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distancia —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!



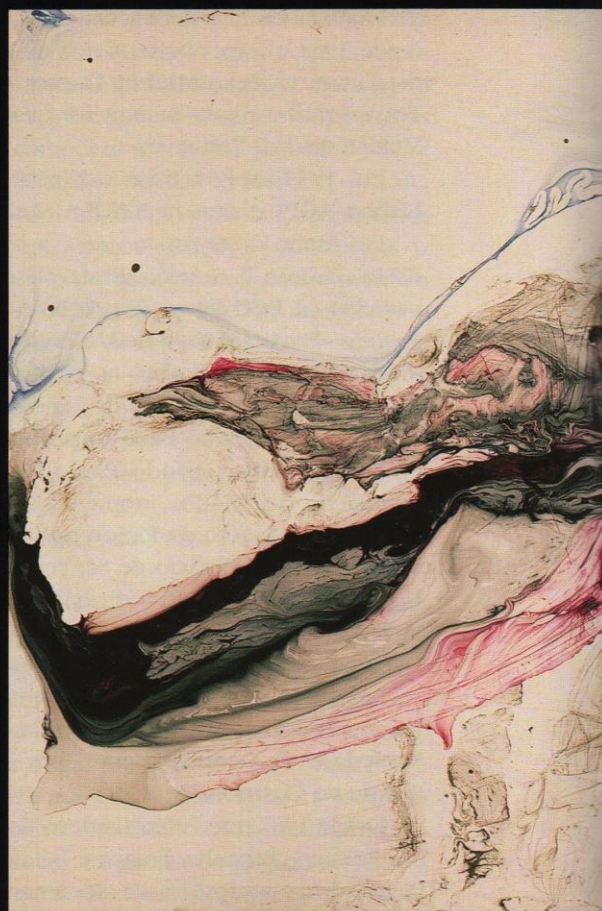
Paulo Cardoso, «Prece», 1988, técnica mista sobre tela, 73x100 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

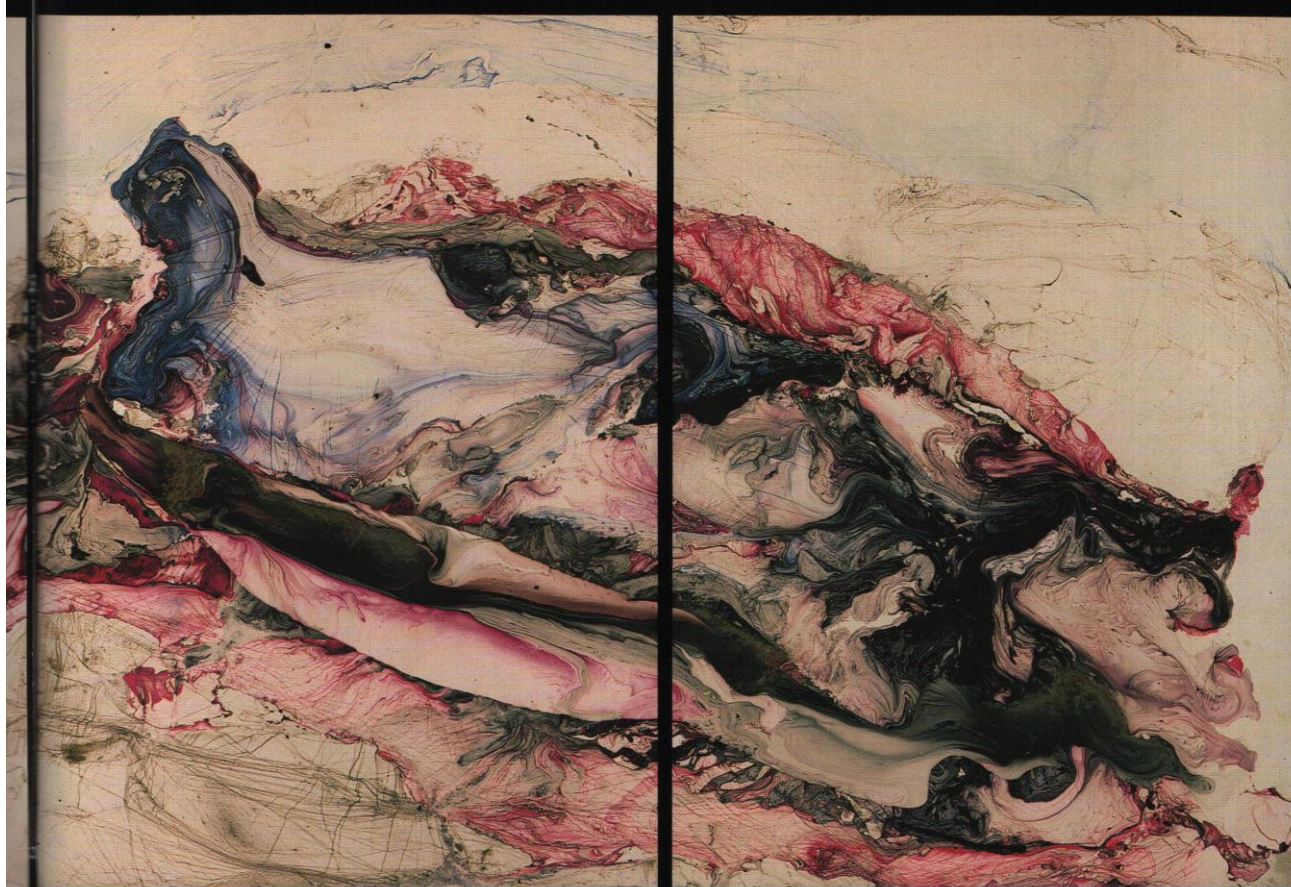
Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,
Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguém sabe que coisa quere.
Ninguém conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro...

É a Hora!

Valete, Fratres.





Paulo Cardoso, «É a Hora», 1989, tríptico, técnica mista sobre tela, 146x291 cm. Foto H.C. Estúdios Fotográficos.

ISBN 972-33-0769-3